

## ENTRE RISOS E SISOS: A TAREFA DE INFORMAR

Mary Stela Surdi

### 1. OBSERVAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste artigo é trabalhar, a partir do texto jornalístico, sobre diferentes versões do mesmo fato. O confronto se dará entre versões bem-humoradas publicadas no semanário *A Manhã* (1926-1952), de Apparício Torelly (1895-1971), e outras versões encontradas em jornais que conservavam o estilo da República Velha. Pretende-se mostrar como o humor opera na criação de versões mais ou menos comprometidas com a tarefa de informar, percebendo, sob a ótica do riso e a ótica do siso, como a realidade pode ser diferentemente interpretada.

É na *Manhã* que Apparício Torelly, auto-apelidado *Apporelly* e auto-proclamado *Barão de Itararé*, mostra a que veio. Seu jornalismo-humorístico tinha como alvo o poder político totalitário da República Velha e do Estado Novo: analisando-o de forma contundente, crítica e risível, ele desmoralizava o falso, o hipócrita e o autoritário.

Percebe-se que *A Manhã* não pode ser enquadrada em nenhum cânone jornalístico, a não ser o humor. A preocupação com a linguagem não é mera formalidade estilística: é encarada como

instrumento e meio para construção do texto de humor. Aí reside uma das grandes diferenças entre *A Manhã* e outros jornais da época. O que se considerava estilo *sério* de informar implicava linguagem rebuscada e pomposa. No jornalismo humorístico, muito do que se quer informar já é dito através da escolha de termos e recursos gráficos específicos. Aqui, a linguagem não apenas informa, às vezes deforma intencionalmente o fato. O dito e o não-dito, nesse tipo de texto, dialogam o tempo todo. E é dessa dialogia que o humor emerge.

O estilo da maioria dos jornalistas da Velha República baseava-se na imitação da linguagem e padrões literários da época, com forte influência do Parnasianismo - Coelho Neto, Humberto de Campos - e da retórica parlamentar de Rui Barbosa. Caracteriza a chamada *belle époque*, na qual o *afrancesamento* da língua e costumes busca o refinamento e requinte no ofício de escrever. Nisso, perde-se, e muito, a qualidade final do trabalho jornalístico. A linguagem empolada carrega em adjetivos e de advérbios; usam-se palavras em língua estrangeira e outras incomuns; surgem períodos extensos com muitas orações articuladas; criam-se novas acepções para determinados termos, como *indigitado*, que de *apontado* passa a significar *bandido*. O mesmo acontece com *indivíduo*: de acordo com o estilo da época, era necessário preceder o nome das pessoas com algum título, como *doutor*, *senhor*, etc; como as fichas policiais sempre traziam junto ao nome do acusado a expressão *indigitado* ou *indivíduo*, adotou-se essa titulação. Por exemplo:

#### *Assalto e Roubo*

Hontem, á uma hora da tarde, em plena rua Carneiro Leão Braz, o italiano Salvador Luberto, de 64 annos de idade, vendedor de verduras no mercado da rua Vinte e Cinco de Março, foi aggreddido por tres indivíduos, que depois de o esbordoarem, vendo-o cahido sem sentidos, roubaram-lhe um relógio de prata e alguns nickéis.

(O Estado de S. Paulo, 5 de junho de 1897)

Muitas das notícias iniciavam-se com *nariz de cera*, abertura mais ou menos padronizada, que servia para introduzir as matérias comuns na cobertura diária. Exemplo:

Já de há muito vimos profilgando o comportamento desairoso desses choffers que, em desabalada carreira pelas ruas (...) Ainda hontem, na Rua do Ouvidor...

Para efeitos de entendimento, convencionou-se aqui que:

(a) o estilo sério de informar, referindo-se à forma padrão para elaboração do texto, atentando para aspectos lingüísticos, será denominado nas análises adiante de *forma séria*;

(b) o estilo cômico de informar, no qual aspectos lingüísticos específicos caracterizam o texto como humorístico, será a *forma cômica*;

(c) o conteúdo compreendido/interpretado que resulta em texto com claro posicionamento ideológico será o *conteúdo sério*;

(d) o conteúdo compreendido/interpretado que resulta em chiste será o *conteúdo cômico*.

A *seriedade*, na *Manha*, aparece em duas perspectivas distintas:

(1) a *forma séria* de escrever é vinculada à paródia. Nesses momentos, a linguagem jornalística padrão é imitada com intenção de deboche. Da imitação da forma séria surge o riso. Exemplo:

*O banquete de confraternização das classes armadas*

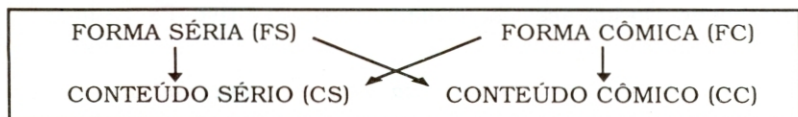
Deve realizar-se hoje, na fortaleza de S. João, o grande banquete de conagraçamento das classes armadas do país. O substancioso brodio tem o duplo objectivo de dar serviço aos carrilhos e alentar ao mesmo tempo o ideal revolucionário. A idéia não podia ser mais feliz, porque não há nada melhor para fortificar alguma coisa do que a própria fortaleza. Por isso, podemos nutrir a certeza de que o ideal da Republica Nova sairá dali mais gordo. (2/1/1931:2)

(2) o *conteúdo sério* veicula as idéias de Apporelly. O deboche dá lugar à análise crítica e contundente da realidade, mostrando suas convicções sócio-políticas. A seriedade na *Manha* não diz respeito à forma e sim ao conteúdo. O humor é detonado por aspectos lingüísticos escolhidos. A antítese básica dessa idéia é que *se fala sério brincando com a forma de falar*. Exemplo:

*Salários mínimos*

Ante-hontem, na Camara, travaram discussão os deputados Ruy Santiago e Lacerda Werneck, a proposito do projecto apresentado por este ultimo instituindo o salario minimo. O deputado Ruy Santiago afirmou que a idéia fôra sua, emquanto o sr. Lacerda Werneck garantia que o projecto era seu. O caso é que nada se resolveu sôbre o salario minimo, emquanto por ahi anda uma quantidade de gente que vive sem o minimo salario. (16/3/1935:8)

O imbricamento *forma/conteúdo* e *sério/cômico* pode ser assim esquematizado:



Do cruzamento dos quatro componentes do quadro, podem-se estabelecer as seguintes formalizações:

(a) FS → CS: é de modo sério que se escreve sobre acontecimentos sérios. Um fato sério leva a uma versão séria;

(b) FS → CC: é a paródia dos jornais sérios.

(c) FC → CS: é o humor como instrumento para apresentar opiniões.

(d) FC → CC: é o humor descomprometido.

Combinações de (a) e (d) são recorrentes na maioria dos jornais; (b) e (c) representam principalmente *A Manhã*, embora nela se encontrem as quatro formas - (a) raramente.

## 2. DO FATO À VERSÃO: NO CAMINHO, O HUMOR

Parte-se da tese de que o jornalismo busca material de trabalho nos acontecimentos diários e que de fatos extraem-se versões. Estas versões correspondem a diferentes impressões/interpretações da realidade, a diferentes pontos de vista que definem a linha editorial. Então, o que se pode verificar é que cada jornal dispensa tratamento específico aos fatos; desse tratamento decorrem versões que revelam aspectos distintos da mesma realidade.

Para contrapor versões, foram selecionados três jornais:

(1) *A Manhã*: jornal humorístico que aplica em suas versões o humor;

(2) *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro;

(3) *O Estado*: jornal de Santa Catarina ligado à oligarquia e de postura conservadora.

O *corpus* escolhido é de jornais de 1930; aborda os temas

política e sociedade. Quanto ao noticiário político, algumas considerações são necessárias. É nesse tipo de notícia que é possível identificar melhor as posições ideológico-partidárias de cada jornal. As notícias sociais e culturais se detêm em questões morais e comportamentais, diante dos quais o jornal ou é conservador ou liberal.

### 3. PRIMEIRO FATO: A LEITURA DA PLATAFORMA DE VARGAS EM 1930

O jornalismo das décadas de 20 e de 30 era fortemente engajado em causas políticas. Campanhas presidenciais, por exemplo, tinham apoio declarado de determinados jornais que, por consequência, tinham alguma ligação com grupos políticos. É isso que acontece nas eleições de 1930. Nessa época, *A Manhã* circulava como encarte do *Diário da Noite*, de Assis Chateaubriand, que apoiava a candidatura de Getúlio Vargas, da Aliança Liberal; o *Jornal do Commercio* também apoiava Getúlio; e *O Estado* apoiava Júlio Prestes, candidato do Partido Republicano Paulista - PRP.

Antes de iniciar a análise dos textos, é necessário contextualizar o fato: no poder estava Washington Luís, de São Paulo, e, seguindo a política *café com leite*, o próximo presidente deveria ser mineiro. No entanto, Washington Luís impôs, com a máquina dominada pelos paulistas, o nome de Júlio Prestes. A oligarquia gaúcha foi a primeira a protestar contra o rompimento do acordo de alternância do poder. Dentro do próprio PRP, houve desacordo e cisão: nasceu o Partido Democrático. O clima reanimou nos jovens militares tenentistas a articulação várias vezes tentada para a tomada do poder pela força. A oligarquia dissidente achava que a via legal era a única para destronar os paulistas. Nasceu, então, em Minas Gerais, a Aliança Liberal, com o objetivo de concorrer às eleições presidenciais como oposição. Getúlio Vargas, gaúcho, foi escolhido

candidato, juntamente com o vice o paraibano João Pessoa.

A plataforma da Aliança Liberal não era muito diferente das propostas da oligarquia tradicional. Porém apresentava algumas inovações, entre elas o voto secreto, o voto feminino e a jornada de trabalho de oito horas.

De modo singular, Apporelly acompanha os passos dos dois candidatos, deixando claro o apoio a Vargas ou, em outros termos, a rejeição a Prestes. O não apoio a Prestes é evidenciado no artigo "Júlio fará importante leilão", publicado em 9 de janeiro de 1930. Esse texto é pautado na ironia, no uso de expressões metafóricas, como *braço forte*, e na criação de narrativa ficcional para opinar sobre a sucessão presidencial. Nesse mesmo número, na primeira página, é noticiada a visita de Vargas à redação da *Manha* como parte de seu roteiro de campanha pelo Rio de Janeiro para divulgação da plataforma de governo. É sobre essa plataforma e os acontecimentos que envolveram sua leitura que se produzem três versões para o mesmo fato.

*Fato:* autoridades não liberam o Teatro Municipal para a leitura da plataforma de governo da Aliança Liberal. Em consequência, a leitura é realizada em local aberto, na Esplanada do Castelo. Isso repercurte diferentemente na imprensa.

*Versão da Manha:* em 9 de janeiro de 1930, Apporelly anuncia que o Ministro do Interior projeta a expulsão de Alfredo Agache, urbanista francês, responsável pela construção da Esplanada. A culpa pelo não sucesso do comício seria dele.

*Perseguições do governo federal - O Ministro do Interior projecta a expulsão do sr. Agache*

O governo federal, que tanto contribuiu para as manifestações de apreço recebidas nesta capital pelos candidatos liberaes Getulio Vargas e João Pessôa, á ultima hora está cometendo

uma grave injustiça contra um estrangeiro que muito tem contribuído para o embelezamento artificial do Rio de Janeiro. A vítima da sanha governamental é o distinto urbanista sr. Alfredo Agache, contractado em Paris pelo sr. Antonio Conselheiro Prado, prefeito desta capital, para a remodelação da mais bella cidade do mundo. Os motivos que determinaram as hostilidades do governo federal contra o illustre engenheiro gaulez já são de dominio publico. Para dar maior brilho á leitura da plataforma do sr. Getulio Vargas, o sr. dr. Vaz Antão Luis mandou pôr á disposição do candidato popular o Theatro Municipal ou qualquer outro local apropriado para esse fim. Com grande surpresa para os meios officiais, o sr. Getulio Vargas contrariou os desejos governamentais, não aceitando nenhum dos locaes offercidos e decidindo proceder a leitura do seu programma de governo na praça publica. O governo, que estava empenhado em dar o maior realce á solemnidade, revoltou-se com o resultado da reunião, que em absoluto não teve o brilho esperado, responsabilizando, pelo facto, injustamente, o sr. Alfredo Agache.

O que chama atenção na versão da *Manha* é a inversão do papel desempenhado pelo governo, em relação às outras versões. Essa inversão é dada em termos de oposição bom/mau, o que torna o texto engraçado. O governo federal é apresentado como o *bom político*, enquanto que os candidatos liberais aparecem como *maus oponentes*. Alfredo Agache surge como terceiro elemento, não implicado em questões políticas, mas que se torna bode expiatório da rivalidade política.

*Versão do Jornal do Commercio*: o texto mostra apoio à Aliança Liberal e indignação com o governo. Em 3 de janeiro publica:



A população desta capital teve hontem horas do mais espontaneo e ardoroso entusiasmo pela causa dos candidatos nacionaes que a Aliança Liberal, na sua memoravel convenção de Setembro do anno findo, apresentou aos suffragios do povo brasileiro, os Srs. Getúlio Vargas e João Pessoa para o proximo pleito presidencial. Se a chegada dos illustres politicos , ha dias, representou a causa nacional esposada para a Aliança Liberal, um dos mais assignalados triumphos que tem conquistado desde o inicio da campanha, o comicio de hontem, na esplanada do Castello, onde a massa popular foi calculada em cerca de 100.000 pessoas, culminou em verdadeira apothese aos candidatos nacionaes, e na mais robusta das demonstrações de solidariedade com os principios proclamados na Convenção de Setembro. Foi ao mesmo tempo, um solene protesto lançado pela Capital da República, contra todos os entraves criados pelo governo federal e seu representante no Distrito Federal para que os dois candidatos se puzessem dentro de recinto fechado, em contacto com o povo que os ha de eleger. Foi melhor assim: em vez de galas de um banquete em que só tomaram parte os representantes das correntes liberais do paiz, ou do restrito espaço de um theatro, tiveram os candidatos da Aliança, cuja escolha será em 1º de março proximo, esse contacto ao ar livre, em uma vasta praça que reuniu dentro de um largo circulo o que não poderia conter todos os nossos theatros e casas de espetaculos, agrupados que fossem em uma unica. (...)

*Versão de O Estado: critica as críticas da oposição*

*O momento político:*

No intuito habitual de tudo confundir e adulterar, os "liberais" trombeteiam que o governo federal - que nada tem, aliás, com

os theatros do Rio de Janeiro- negou ao sr. Getulio Vargas o theatro Municipal na intenção de impedir que o candidato á presidencia da Republica lesse alli a sua plataforma. Nada mais torpe do que essa intriga. Então, si o presidente da Republica tivesse pelo sr. Getulio Vargas tanto rancor, aversão e desejos de vingança recebel-o-ia pessoalmente e com elle palestraria amistosamente, quasi meia hora? Facil, muito facil seria ao chefe da nação fugir a esse encontro, dentro das proprias regras da cortezia e do protocolo. Si o sr. Washington Luis, que é um homem de grandes intransigências e de uma coragem d'attitudes pouco commum, recebeu o sr. Getulio, é porque este lhe merece ainda considerações. O sr. Washington Luis não é um dissimulador. Como, portanto, enfluiria para que fossem cerradas as portas de um theatro ao sr. Getulio Vargas sinão cogitou de cerrar ao presidente gaucho as portas do Cattete para uma visita cordial? Meditem, pois, sobre essas cousas os homens de senso e de boa vontade. (7/1/1930:1)

Como se pode perceber, as versões correspondem a visões diferentes sobre o mesmo fato. Enquanto *O Estado* declara que as críticas da Aliança são infundadas e injustas, o *Jornal do Commercio* e *A Manhã* mostram sua indignação com o governo. No *Jornal do Commercio*, isso é feito de modo direto; já na *Manhã*, tudo ocorre no campo do subentendido. São os componentes extralingüísticos que fornecem pistas para a leitura e compreensão do texto de Apporelly. Além disso, essa versão se pauta na inversão de papéis, intenções e atos:

(1) inversão de papéis:

- governo *mau*, cujo regime de governo é ditatorial, passa a ser *bom* ao auxiliar opositores;
- opositor *bom*, representando possibilidade de nova forma

de governo, torna-se *mau* ao negar auxílio.

Tal inversão de papéis transita em dois campos de significação distintos: o real e o imaginário. O real corresponde à opinião que *A Manhã* tem a respeito do governo. O imaginário, nesta perspectiva, está na ficcionalização do fato.

(2) inversão de intenções:

- real: governo quer impedir leitura da plataforma eleitoral da oposição.

- imaginárias: para *A Manhã* o governo está empenhado em dar maior realce à solenidade. Para o *Jornal do Commercio* as intenções são propostas como reais; no *Estado*, as mesmas intenções são tratadas como imaginárias.

(3) inversão de atos:

- real: solicitação do Theatro Municipal pela Aliança Liberal e negativa pelo governo.

- imaginárias: em *A Manhã*, o governo oferece e quem recusa é a Aliança. No *Jornal do Commercio*, a negativa é real. Em *O Estado*, é tratada como imaginária.

A noção real/imaginário pode ser esquematizada de acordo com cada jornal:

<i>A Manhã</i>	versão = inversão do fato
<i>Jornal do Commercio</i>	versão = fato
<i>O Estado</i>	versão = negação do fato

*A Manhã* propõe versão que inverte o fato, com o pressuposto de que o fato é conhecido; no *Jornal do Commercio*, a versão é conforme o fato; no *Estado*, nega-se o fato, pressupondo que seja desconhecido.

*A Manhã* é um jornal para pessoas que leram outros jornais. Consumir *A Manhã* pressupõe taxa elevada de informação, além de

conhecimentos partilhados, enciclopédicos e culturais, pois o que se verifica é o constante diálogo com as notícias recentes, opiniões já expressas no jornal e artigos publicados anteriormente. O leitor-alvo é aquele que acompanha a imprensa e consegue construir referências na leitura da *Manha*.

As inversões detectadas na *Manha* correspondem a mudanças de *scripts*, como propõe Raskin (1985):

(a) GOVERNO

Características: [+ ditador] [- bom]

Cenário: verdadeiro

(b) GOVERNO

Características: [+ democrático] [+bom]

Cenário: falso

Resultado: humor

*Pós-resultado: análise crítica*

*Script 1: Ditadura*

*Script 2: Democracia*

Tipos de oposições: real/irreal, maldade/bondade

Raskin distingue dois modos de comunicação: o confiável (*bona-fide*) e o não confiável (*non-bona-fide*). O primeiro está comprometido com a verdade fatural dos enunciados e com a transmissão de informações relevantes. É baseado nas Máximas Conversacionais de Grice (1975), mais precisamente no princípio de cooperação:

(i) Máxima de quantidade: informe tanto quanto é necessário;

(ii) Máxima de qualidade: diga somente o que você acredita ser verdade;

(iii) Máxima de relevância: seja relevante;

(iv) Máxima de conduta: seja sucinto.

Então, o modo *bona-fide* corresponde à forma séria de informar e o modo *non-bona-fide*, que perde o compromisso com a verdade, é a base do texto humorístico. Aqui surge uma questão que remete à idéia de *felicidade dos atos de fala* de Austin (1990): se o modo *bona-fide* satisfaz todas as condições necessárias, então obtém sucesso; mas como o modo *non-bona-fide* será bem sucedido, uma vez que fere o princípio de cooperação?

Tentando responder a isso, Raskin propõe um modelo alternativo para as máximas de Grice, para aplicá-las ao texto humorístico. Ele parte da idéia de que se no modo *bona-fide* há o compromisso com a verdade, no modo *non-bona-fide* há o compromisso com o humor. O princípio de cooperação para um modo não confiável ficaria assim:

- (i) Máxima de quantidade: informe tanto quanto é necessário para o humor (piada);
- (ii) Máxima de qualidade: diga somente o que é compatível com o mundo do humor;
- (iii) Máxima de relevância: diga somente o que é relevante para a piada;
- (iv) Máxima de conduta: conte a piada de forma eficiente.

De acordo com esse novo princípio de cooperação, o leitor não espera que o escritor lhe diga a verdade ou lhe transmita alguma informação relevante.

Essas considerações são válidas enquanto se pensa no texto humorístico descomprometido (FC→CC - forma cômica e conteúdo cômico). O que interessa verificar é como isso funciona no humor engajado de Apporelly (FC→CS - forma cômica e conteúdo sério) pois,

em seus textos, há preocupação constante de transmitir informações relevantes e necessárias para discutir os fatos. Em suma: O compromisso que se estabelece entre escritor/leitor direciona para uma leitura unicamente cômica ou possibilita o questionamento? Na negociação de sentidos, pode-se ir além do cômico e chegar ao crítico?

Tem-se como coordenadas dois modelos específicos de escritor e de leitor da *Manha*:

(a) escritor:

[1] cria efeitos que façam o leitor rir (FC → CC);

[2] cria efeitos que façam o leitor, além de rir, questionar (FC → CS).

(b) leitor:

[1] coopera, procurando a graça no texto (Resultado: humor);

[2] coopera, rindo e questionando (Resultado: humor; pós-resultado: análise).

#### 4. SEGUNDO FATO: O CASAMENTO DO PRÍNCIPE HUMBERTO E DA PRINCESA MARIA

JOSÉ EM 1930

Além da campanha presidencial que movimentava toda a imprensa nacional, outros fatos ocupavam páginas inteiras e chamavam a atenção da maioria dos jornais. Um desses fatos é o casamento do Príncipe Humberto, da Itália, com a Princesa Maria José, da Bélgica, em 8 de janeiro de 1930.

*Versão da Manha*: Fazendo o que se poderia chamar “*A Manha em sociedade*” ou “*A Manha internacional*”, Apporelly também noticia o *auspicioso* fato e conta como ele foi comemorado pelo *querido diretor do arrotativo* que, mesmo sem ter ido, festejou. Há criação de

narrativa ficcional: paralelo ao fato real, há a versão imaginária da *Manha*. Apporelly não poupa imaginação ao se apresentar como amigo de infância do Príncipe Humberto e íntimo de Mussolini. O exagero na linguagem é marca constante: o uso desmedido e intencional de adjetivos dirigidos a Apporelly e a tudo que o envolve cria descrições e situações cômicas. Para Propp (1992), esse exagero desnuda defeitos e por isso é cômico. Os *defeitos* visíveis no texto da *Manha* começam com a sátira ao narcisismo dos donos de jornais e terminam com as mentiras publicadas, em nome desse narcisismo.

*O casamento do principe Humberto com a princeza Maria José-  
como foi commemorado o auspicioso facto pelo nosso querido  
director*

Realizou-se, hontem, com toda a pompa, em Roma, o casamento do principe Humberto da Italia, com a princeza Maria José, da Belgica. Por absoluta falta de tempo, o nosso querido director, amigo de infancia do principe Humberto, não poude comparecer aos esponsaes, para os quaes fôra expressamente convidado (...) Figura universalmente conhecida, dispondo de amplas e largas relações internacionaes, o distincto literato que dirige esta folha não podia deixar de tomar parte, embora á distancia, das imponentes ceremonias (...) Assim, pela manhã, envergando o seu finissimo guarda-pó de palha de sede, escondendo discretamente a sua Ordem de Banho, s empre desobedecida, e fazendo-se encimar por seu chapêo de côco da Bahia, que usa com licença especial do Papa, o nosso querido director, seguido de seus officiaes de gabinete, assistiu do varadinm da Casa Portella, o hasteamento das bandeiras dos países amigos (...) Às 11 horas da manhã, num automovel de capota arriada, o nosso chefe ordenava ao chauffeur que passasse tres vezes em frente à Embaixada da Italia, deslizando depois em direção ao

Restaurante Roma, onde ordenou ao cinesiphoro que ficasse de fogos accesos á sua disposição (...) Foram trocadas varias saudações, destacando entre ellas a que foi formulada pelo nosso querido director. peça notavel e concisa, cheia de elevação moral, demonstrando as vantagens dos casamentos reaes sobre as ligações fingidas para indibriar o publico.(9/1/1930:5)

*Versão do Jornal do Commercio:* dá amplo destaque ao casamento. De certa forma, faz uma espécie de contagem regressiva, narrando diariamente os preparativos. Não poupa na pormenorização do cerimonial:

*Bodas de principes*

*Celebrou-se hontem, em Roma, o enlace nupcial do Principe Humberto di Savoia com a Princeza Maria Jose da Belgica - As imponentes cermonias no Quirinal - O ambiente festivo de Rom - As primeiras visitas dos nubentes - Pormenores das solemnidades (...) O ambiente festivo de Roma*

Roma 8 - A cidade amanheceu num ambiente de festa, para o qual muito concorreram as condições do tempo que se conserva magnifico (...) A cerimonia nupcial teve inicio ás 10 horas, precisamente, na Capela Paulina, de Quirinal. Foi celebrante o Cardeal Maffi, Arcebispo de Pisa. Além dos soberanos da Italia e da Belgica, viam-se dentre a luzida assistencia o Rei D. Manuel, de Portugal, o soberano deposto do Afeganistão, o Rei Fernando da Bulgaria, todos os principes italianos e cerca de 70 principes estrangeiros, altos dignatarios da Corte e todos os chefes das representações diplomatics aqui creditados. Terminada a cerimonia, o casal principesco appareceu rodeado pelos soberanos dos dois paizes, ao Balcão di Quirinal. que dominava um vasto oceano humano, donde partiram freneticas e



demoradas aclamações. Às 13 horas, os recém-casados dirigiram-se para o Vaticano em visita ao Santo Padre, que os recebeu em audiência solemne. Por todo o percurso, o Príncipe Humberto e sua consorte foram alvo de novas e não menos vibrantes aclamações populares. (9/1/1930:1)

A versão da *Manha* fica dentro do princípio de cooperação do modo *non-bona-fide*, apresentado na análise anterior. Escritor e leitor estão envolvidos com a forma cômica de comunicar. Apporelly está consciente da sobreposição de *scripts* e do resultado ambíguo do texto que produz. Esses sentidos estão engajados com o modo *non-bona-fide*, cujo propósito não é informar, mas criar efeitos que façam o leitor rir. Em contrapartida, o leitor compromete-se a não interpretar o texto de modo confiável. Estabelece-se, assim, compromisso entre leitor e escritor para que o que é comunicado seja engraçado. No modo *bona-fide*, o compromisso com a verdade faz com que o escritor procure informar o leitor que, em contrapartida, negocia os sentidos do que lê. Tem-se o seguinte esquema:

(a) *A Manha*: FC → CC / modo *non-bona-fide* / escritor e leitor, conforme Raskin.

(b) *Jornal do Commercio*: FS → CS / modo *bona-fide* / escritor e leitor, conforme Grice.

A relação versão/fato fica organizada deste modo:

<i>A Manha</i>	versão = adaptação do fato
<i>Jornal do Commercio</i>	versão = fato

Apporelly, ao fazer graça com todo o cerimonial do casamento, permite que se perceba a comicidade da vida social apontada por Bergson (1987). Ele parte da idéia de que rimos de uma sociedade

que se transforma numa pantomima, quando não é mais a espontaneidade que lhe comanda os movimentos, mas o ritual, a cerimonia:

Poderíamos dizer que as cerimônias são para o corpo social o que a roupa é para o corpo individual: devem a sua seriedade a se identificarem para nós com o objeto sério a que as liga o uso, e perdem essa austeridade no momento em que nossa imaginação as isola dele (p.37).

Então, o lado cerimonioso da vida encerra sempre um cômico latente. Concentrando-se no que há de cerimonioso e esquecendo seu conteúdo de significação, percebe-se somente a forma, como se todos fossem marionetes.

A versão do *Jornal do Commercio*, que se preocupa com a descrição da forma do cerimonial, encaixa-se muito bem nesse modelo. Caso o leitor isole o que é descrito, verá a graça. É isso que Apporelly faz em sua versão. Sua preocupação não está em transmitir informações sobre o fato, mas em brincar com o protocolo que a cerimônia exige. Em outros termos, isolou-se a forma do ritual, esquecendo-se sua matéria.

Apporelly ri de uma sociedade, que sem saber, sabe ser cômica. Debocha de instituições e de normas, ao escancarar os rituais e protocolos que regem suas ações. Consegue sobrepor em um fato sua visão particular dos atos da sociedade.

Nessa perspectiva, os *scripts* seriam assim:

(a) ITÁLIA

Características: [+ cerimonioso] [+austero]

Cenário: normal

(b) RIO DE JANEIRO

Características: [- cerimonioso] [+ pantomímico]

Cenário: possível

Resultado: humor

Script 1: Roma/casamento

Script 2: Restaurante Roma/comemoração

Tipos de oposições: normal/possível, formal/informal

## 5. OBSERVAÇÕES FINAIS

Contrapondo, a princípio, o tratamento jornalístico dois fatos por diferentes veículos já se percebe a singularidade no estilo de fazer humor de Apporelly, que quer, além do simples riso, buscar o questionamento. É nisso que ele se diferencia dos demais jornalistas: suas versões não se restringem ao fato. Seu compromisso é sobrepor ao fato uma análise - às vezes nua e crua, outras, disfarçada - da realidade. Isso é mais perceptível quando trata de política, que paradoxalmente é um assunto ao mesmo tempo efêmero e constante. Efêmero, porque é circunstancial, momentâneo e dinâmico. Constante, até não mais existir sociedade. Aliás, paradoxo é o estilo de Apporelly, que circula livremente entre realidade e ficção, verdade e mentira, seriedade e humor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J. *Quando Dizer é Fazer*. São Paulo: Martins Fontes, 1990

BAHIA, J. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BERGSON, H. *O Riso - Ensaio Sobre a Significação do Cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

COPI, I. *Introdução à Lógica*. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

FIGUEIREDO, C. *As Duas Vidas de Aparício Torelly: O Barão de*

- Itararé*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- FREUD, S. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago. 1977
- GRICE, H. Logic and conversation. In: *Syntax and Semantics*. 3. New York: Academic Press, 1975.
- KEMPSON, R. *Teoria Semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- KONDER, L. *O Barão de Itararé*. São Paulo: Brasiliense. 1983.
- NEVES, L. A ideologia da seriedade. *Revista de Cultura Vozes*, 68, (1), P. 35-40, 1974.
- PROPP, V. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1990.
- RASKIN, V. *Semantic Mechanisms of Humor*. Dordrecht/ Boston: D. Reidel Publishing Company, 1985.
- \_\_\_\_\_. Linguistic heuristics of humor: a scrip based semantic approach. In: APTE, M. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin/ New York/ Amsterdam: Mouton de Gruyter, n. 65, p.11-25, 1987.
- RITO, L. *Imprensa ao Vivo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- SODRÉ, N.W. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TOTA, A.P. *O Estado Novo*. (Col. Tudo é História, n.114). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- VERSIANI, M. O significado do cômico e do riso. *Revista de Cultura Vozes*, n. 68 (1), p. 17-24, 1974.